

Encontros brasileiros IEB-Cinusp

Encontros brasileiros IEB-Cinusp é uma parceria que se firma entre o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) e a Sala de Cinema da PRCEU (Cinusp) visando a amplificar as ações de ambos junto ao meio artístico e cultural brasileiro e também almejando aproximar a Universidade de debates políticos da atualidade. A parceria prevê uma série de conversas em que interlocutores das artes visuais e do audiovisual examinarão obras relevantes do acervo de arte do IEB e do cinema brasileiro. À luz da análise dessas obras, ambiciona tratar de problemas brasileiros, sempre os abordando no horizonte ampliado da realidade contemporânea global.

“Negros nas telas: questionando padrões de representação dos corpos nas artes plásticas e no cinema” é o debate inaugural dos Encontros e se insere entre as atividades da Universidade em celebração da Semana da Consciência Negra (20 a 26 de novembro). Tem como mote inspirador, sugerido pelo IEB, o “Estudo para *A Negra*” (1923), de Tarsila do Amaral, desenhos de Di Cavalcanti e outras obras do modernismo brasileiro do período entreguerras e, indicado pelo Cinusp, o curta-metragem *Uma Noite sem Lua* (2020), da artista visual Castiel Vitorino Brasileiro, e a versão recentemente restaurada em 4k e ainda pouco exibida do longa-metragem *A Rainha Diaba* (1974), de Antônio Carlos Fontoura.

A proposta é que o público seja apresentado a uma constelação de imagens de corpos negros que se revelaram sob diferentes códigos de representação nas artes brasileiras dos séculos 20 e 21, de forma a problematizar e colocar em perspectiva histórica os contextos de criação das obras e as situações e corpos nelas representados. A reflexão nos desafia a ver as fraturas e insubordinações, muitas vezes sutis e dissimuladas, que essas representações frequentemente sinalizam.

O evento será realizado na Cidade Universitária no dia 22 de novembro, em duas etapas, com a projeção de *Uma Noite sem Lua* e *A Rainha Diaba* no Cinusp às 15h, seguida de debate na Sala Marta Rossetti Batista do IEB às 17h30. Fazem parte da conversa a crítica e historiadora da arte Liliane Benetti, professora no Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP, a jornalista e pesquisadora Mariana Queen Nwabasili, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA, e a pesquisadora Eliane Pinheiro, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA, responsável também pela mediação.

Como parte do evento, o público terá a oportunidade de visitar uma pequena exposição no IEB, com o referido “Estudo para *A Negra*”, de Tarsila do Amaral, e outras obras do acervo da instituição a serem comentadas no debate. A mostra ficará disponível na Sala Marta Rossetti Batista do IEB durante o dia 22 de novembro.

O evento é gratuito. Para ingresso na sede do Cinusp, os interessados devem apresentar comprovante de ciclo vacinal completo com reforço. Para assistir ao debate no IEB, os interessados devem se inscrever de 9 a 21 de novembro no *site* do Instituto, preenchendo um breve formulário e anexando os seus respectivos comprovantes de ciclo vacinal completo com reforço por meio do *link* <https://www.ieb.usp.br/inscricao-22-11-2022-encontros-brasileiros/>.

Frentes do debate

“Negros nas telas: questionando padrões de representação dos corpos nas artes plásticas e no cinema” (por Eliane Pinheiro, Liliane Benetti e Mariana Queen Nwabasili)

A partir de uma pequena seleção de obras pertencentes ao acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), em especial a coleção de Mário de Andrade, propõe-se uma reflexão sobre a representação de pessoas negras nas artes plásticas no Brasil entre os anos 1920 e 1940. O centro do debate é ocupado pelo “Estudo para *A Negra*” (1923), de Tarsila do Amaral. Em diálogo com o estudo para a tela, são apresentados desenhos e gravuras que se valem de diferentes padrões de representação do corpo humano, de autoria de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Lasar Segall, entre outros, nos quais se notam a modernização formal da linguagem pleiteada pelo modernismo brasileiro e a busca por temas ligados à construção de uma suposta identidade nacional e de um imaginário popular.

Já a representação e o protagonismo de corpos negros transfemininos no curta-metragem *Uma Noite sem Lua* (Castiel Vitorino Brasileiro, 2020) e no longa-metragem *A Rainha Diaba* (Antônio Carlos Fontoura, 1974) são pontos de partida para traçar um breve histórico sobre as qualidades da presença desses corpos na frente e atrás das câmeras da cinematografia brasileira. A ideia é refletir sobre como relações de raça e gênero dentro da dinâmica colonial historicamente mediaram a representação de negros e indígenas em filmes. A proposta moderna de representação do popular no Cinema Novo herdada da década de 1950, a estética dos filmes da Pornochanchada e o surgimento do Cinema Negro Brasileiro na década de 1970 como resposta dialógica a esse histórico são pensados como momentos cruciais de instauração de debates sobre legitimidade de representação cinematográfica de mulheres e homens negros que encontra forte eco nos dias de hoje.

Sinopses dos filmes (por Mariana Queen Nwabasili)

Uma Noite sem Lua (Castiel Vitorino Brasileiro, 2020)

Filme-ensaio que propõe uma transmutação travesti como vivência (e) estética para o alcance de uma franca liberdade, suprarracial, suprassexual, supra-humana. A reflexão artístico-social ritualística contra as sobredeterminações é feita por um corpo trans que questiona as normas a partir de uma encruzilhada: entre o (pós) estruturalismo, o existencialismo, a fenomenologia e as cosmovisões não binárias.

A Rainha Diaba (Antônio Carlos Fontoura, 1974)

Diaba é uma criminosa astuta com o costume de engrossar a voz para, desde seu quarto em um prostíbulo, manter o controle do narcotráfico. Somada ao poder que tem nas mãos, a não normatividade de sua orientação sexual e de seu corpo desperta indignação em Catitu, capanga lascivo e traiçoeiro. Uma vez que entre os marginais há performatividades ainda mais marginalizadas (ao se atreverem a estar em posições de comando), resta à Rainha apenas a opção de confiar em seu próprio e subversivo povo. Um roteiro de Plínio Marcos marcado por reveses e diálogos maneiristas na malandragem, e materializado por memoráveis atuações de Milton Gonçalves, Nelson Xavier e Stepan Necessian. Filme considerado pela curadoria do XIV Janela Internacional de Cinema do Recife como “referência fundamental na historiografia – a se contar – de um cinema cuir brasileiro”.